

A disputa eleitoral pode ter sido zerada com a morte de Eduardo Campos e ainda não há consenso sobre o destino dos votos do falecido candidato do PSB à Presidência da República. “A única coisa que temos a dizer hoje é que vai começar tudo de novo”, diz o cientista político e professor da UnB João Paulo Peixoto. Caso se confirme a candidatura da atual vice, Marina Silva, a tendência, arrisca Peixoto, é que ela surja como a grande ameaça ao favoritismo da presidenta Dilma Rousseff.

“Aécio Neves e Eduardo tinham perfis políticos muitos semelhantes e possuíam propostas parecidas, como o choque de gestão e as reformas políticas. Agora, a ausência de Eduardo vai favorecer Aécio. Quem pensa e acredita nessas ideias deles, agora só têm uma opção, que é votar em Aécio”, opina Peixoto, que vê, por outro lado, similaridade entre os eleitores de Marina e Dilma. “Esta nova candidatura (Marina) deve tirar mais votos de Dilma”.

Outro aspecto que, na opinião de Peixoto torna a chapa PSB-Rede mais competitiva, ameaçando Dilma, é o fato de Marina Silva ser mais conhecida no plano nacional do que Eduardo Campos.

Professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fábio Wanderley Reis discorda de que haja um perfil liberal em Eduardo Campos a ponto de trazer vantagens para Aécio Neves. “Não há dados que comprovem nenhuma preferência de setores da economia por Eduardo. Muito menos o eleitor histórico dele possui este perfil liberal”.

Ao contrário disso, o cientista aposta que a morte do candidato em plena campanha prejudicará o tucano. “As pesquisas não indicavam o crescimento de Eduardo. Ele estava, ao final, onde sempre esteve. Agora, com Marina trazendo os votos que teve em 2010 e a projeção que alcançou com a polêmica da criação do seu partido Rede, ela deve crescer e se tornar uma ameaça para Aécio no primeiro turno”, opina Reis.

Ele afirma que a possível indicação de Marina para assumir a disputa eleva a possibilidade do segundo turno. “Pelas pesquisas feitas até então, ainda havia chance de vitória de Dilma no primeiro turno. Com Marina, as chances de segundo turno são maiores”.

Cauteloso, o professor de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Jairo Nicolau prefere traçar suas análises a partir de cenários anteriores, já que a situação que se desenha agora se aproxima do contexto de 2010, quando a disputa envolveu o PT, o PSDB e o PV.

Decisão
sobre futuro
da ex-senadora
e vice na
chapa sai nos
próximos dias

Murillo Constantino

Dúvidas sobre o efeito Marina

Com cenário eleitoral praticamente zerado após a morte de Eduardo Campos, analistas divergem sobre o destino dos votos direcionados ao ex-governador de Pernambuco

“

Não há dados que comprovem nenhuma preferência de setores da economia por Eduardo Campos. Muito menos o eleitor histórico dele possui esse perfil liberal”

Fábio Wanderley Reis
Cientista político (UFMG)

“Nunca houve, na história das eleições brasileiras, uma situação semelhante, o que torna ainda mais difícil fazer conjecturas quando o episódio acabou de acontecer e a população está tomada pela comoção”, salienta.

Por isso, o pesquisador prefere se debruçar sobre os dados concretos de eleições passadas. “Olhando para a última eleição, em 2010, continuo achando que a polarização entre o PT e o PSDB é inevitável”, avalia Nicolau.

Insistindo que ainda é prematuro fazer os cruzamentos, o cientista duvida até mesmo de pesquisas que já

estão sendo feitas e devem ser divulgadas semana que vem: “Esta primeira pesquisa estará contaminada pelo clima emocional. Por isso, não revelará, de fato, as tendências do eleitor”.

Ele lembra que o PSDB é um partido forte e soma a isso a complexidade dos quadros que se formaram no âmbito regional. “É muito difícil que a Marina tire a diferença que já havia entre Aécio e Eduardo sem apoio nos estados”.

Um exemplo disso é a configuração que se formou no Distrito Federal. O senador Cristovam Buarque, liderança local que, contrariando seu partido, o PDT, no pla-

no nacional, subiria nos palanques com Campos, agora repensa o apoio. “As coisas ainda não estão definidas. Mas a minha tendência, agora, é apoiar a candidatura do meu partido, Dilma Rousseff”, disse o parlamentar.

Jairo Nicolau aponta ainda que, segundo as pesquisas, os votos de Eduardo Campos estavam concentrados no Nordeste, mais especificamente em Pernambuco, de onde foi governador. “No Nordeste, a preferência do eleitorado está com Dilma, o que leva a crer que os votos do candidato lá devem migrar para ela”, analisa.